

Sem Perder a Poesia

Lucelena Ferreira*

Raiair uma escola que acolha o ser poético em sua totalidade. Para tanto, latejo alguns atalhos.

Já o poeta Drummond denunciava:

A escola enche o menino de matemática, de geografia, de linguagem, sem, via de regra, fazê-lo através da poesia da matemática, da geografia, da linguagem. A escola não repara em seu ser poético, não o atende em sua capacidade de viver poeticamente o conhecimento e o mundo. (1974)

Drummond acusa a escola de atrofiar a sensibilidade poética, natural do ser humano, associada ao lúdico, à intuição, à criatividade.

Viver poeticamente o conhecimento inclui: desejar conhecer e fazê-lo com algum prazer, cultivando inquietude. Firma-se o risco de sustos e deslumbramentos. Mesmo dentro de uma escola com moldes ainda excessivamente racional-positivistas, há fendas possíveis na esfera da ação individual do professor. Destaca-se a criação de práticas pedagógicas que valorizem o núcleo poético do aluno, ampliando suas chances de encontrar e criar beleza no mundo.

Desinventar as disciplinas, deixando-as em aptidão de aurora. “Desaprender oito horas por dia ensina os princípios”, diz o poeta Manoel de Barros (1994, p.11). Importa rastrear constante movimento.

Para o alfabetizador, idéia para descascar palavra, somando sumo e poesia:

Escrever a palavra folha me solidarizava com a mangueira. Com letras e sílabas eu estava produzindo a minha folha e a deixava voar, vagar, errar pela página [...] Rabiscando a esmo letras,

*Doutora em Letras e doutoranda em Educação pela PUC-Rio. Professora da PUC-Rio e do IBMEC. Autora do livro “Inquietudes” (Sete Letras). Lucelena@terra.com.br

sílabas, com surpresa eu percebi que na palavra folha, cortando-se o “f”, ela se convertia em olha. Percebi que as palavras escondem palavras, como os frutos escondem sabores e sementes. Descascá-las é como saborear novas camadas de significados. Pensei: as folhas são olhos das árvores. Achei divertido, como toda descoberta. E não sabia que, naquele momento, eu estava me iniciando nesse descascar a palavra em busca do prazer de novas significações, que é o mistério da criação poética. [...] Cada palavra é a alma comprimida do universo. (LOUREIRO, 1995, p.10)

Drummond defendia que a aula de geografia deveria ser dada em viagem permanente. Digo passeio de tempo, espaço, imaginação.

O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.

É preciso transver o mundo.

Isto seja:

Deus deu a forma. Os artistas desformam.

É preciso desformar o mundo:

Tirar da natureza as naturalidades. (BARROS, 1996, p.75)

Com afincos de criador, pode o professor de geografia revelar sutilezas do relevo: “um rio que flui entre 2 jacintos carrega mais ternura que um rio que flui entre 2 lagartos” (BARROS, 1994, p.11). Cuidado no contar: a comunicação de conteúdos, esvaziada da *força transformadora das palavras*, tende a petrificá-los, endurecê-los, numa *verbosidade alienada e alienante* (FREIRE, 1987, p.57). O poeta Manoel de Barros alerta: “a expressão reta não sonha. Não use o traço acostumado” (1996, p.75). Antes compor voz de mato para falar de floresta.

Para entrar em estado de árvore é preciso

partir de um torpor animal de lagarto às

3 horas da tarde, no mês de agosto.

Em 2 anos a inércia e o mato vão crescer

em nossa boca.

Sofreremos alguma decomposição lírica até

o mato sair na voz.

Hoje eu desenho o cheiro das árvores. (BARROS, 1994, p.19)

Ao professor de história: histórias. Afilar versões sobre um mesmo tema, com empenho em demolir certezas, problematizar, deixar em suspenso. Poesia tem verso e reverso.

ERRO DE PORTUGUÊS

*Quando o português chegou
Debaixo duma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena!
Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
O português.* (ANDRADE, 1991, p.95)

Tudo sem esquecer a lição de Paulo Freire, que convoca à participação e interferência na realidade atual: história como possibilidade. Depende da práxis do homem presente. De cada homem presente.

Eduardo Galeano escreveu *Memória do Fogo*, trilogia em que reinventa poeticamente a história da América Latina, em harmonia com a crença do poeta José Urtecho: “os que fazem da objetividade uma religião, mentem. Eles não querem ser objetivos, mentira: querem ser objetos, para salvar-se da dor humana” (1995, p.118). Neste livro, Galeano desafia os limites entre história e ficção. Deixa demorar uma vontade: “Tomara que *Memória do Fogo* possa contribuir para devolver à história o alento, a liberdade e a palavra” (1986). Assim pode o educador.

Em via de surpresas, não custa lembrar ao professor de biologia: “*poesia é voar fora da asa*” (BARROS, 1994, p.23).

E acabo esticando um silêncio, que é onde a voz do outro se conforta.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Oswald de. **O santeiro do mangue e outros poemas**. São Paulo: Globo, 1991.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

_____. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. A educação do ser poético. **Arte e Educação**. Rio de Janeiro, ano 3, n. 15, 1974.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 1995.

_____. **Nascimentos - Memória do fogo I**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Memórias de um leitor amoroso**. Rio de Janeiro: Proler, 1995.